

INSANIDADE SOBRE TRILHOS Divino Lindria do Nascimento¹

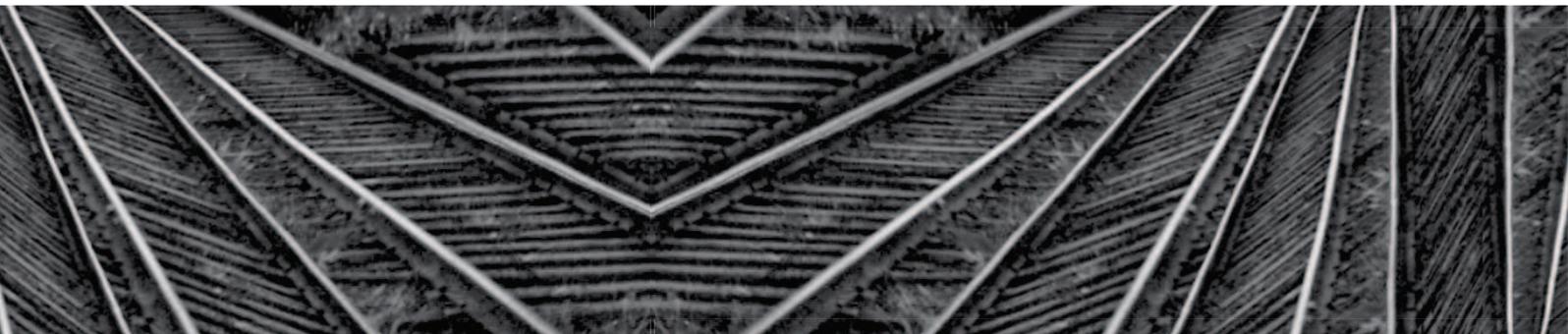
Resenha do livro de Márcio Souza, *Mad Maria* – 2. ed. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.

Após os conflitos entre brasileiros e bolivianos pela ocupação da região que corresponde ao atual Estado do Acre, o governo brasileiro se comprometeu, através do *Tratado de Petrópolis*, assinado por Brasil e Bolívia em 1903, a construir uma ferrovia desde o porto de Santo Antônio, no rio Madeira, em Mato Grosso, até Guajará-Mirim, no rio Mamoré, com um ramal que chegasse à Villa Bella, na Bolívia. O edital de concorrência pública para a construção da ferrovia foi publicado em 1905 e foi vencido pelo engenheiro Joaquim Catrambi, mero testa-de-ferro do grupo norte-americano que se encarregou de construir a estrada de ferro Madeira-Mamoré entre os anos de 1907 e 1912.

É a construção dessa ferrovia o mote histórico a partir do qual o romance *Mad Maria* surge. Embora estejamos diante de uma ficção, são evidentes os vários momentos de fidelidade histórica. Aliás, vejamos a prosa que abre o romance:

Quase tudo neste livro bem podia ter acontecido como vai descrito. No que se refere à construção da ferrovia há muito de verdadeiro. Quanto à política, também. E aquilo que o leitor julgar familiar, não estará enganado, o capitalismo não tem vergonha de se repetir. (Souza, 1985, p. 43)

¹ Mestrando em Letras pela Universidade Federal de Goiás. E-mail: <divino.lindria@gmail.com>.



O narrador, com tons épicos até, nos conta as desventuras dos homens que trabalharam na etapa final dessa construção. O ponto de partida desse romance é o verão de 1911, quando o personagem Richard Finnegan, um jovem médico norte-americano, de origem irlandesa, idealista e dotado de integridade, começa a trabalhar na enfermaria do acampamento onde vivem os trabalhadores da *Madeira-Mamoré Railway Company*. Sob um calor insuportável e em luta contra os escorpiões que apareciam após as rápidas chuvas de verão, Finnegan sentia o prenúncio do que o levaria, senão à loucura, à dureza de caráter, passando a encarar como normais, por exemplo, as recorrentes mortes de trabalhadores e a usar, ao final da narrativa, os mesmos métodos de intimidação que o cruel personagem, o engenheiro inglês Collier, adotava diante dos conflitos e das frequentes brigas entre os trabalhadores de diferentes nacionalidades. O narrador mostra-nos um grupo de operários bestializados, predestinados à barbárie e desprezados pelos seus superiores, como Collier, ao assinalar que:

Dentre as atribuições, ele (Collier) chefiava os cento e cinquenta trabalhadores: quarenta alemães turbulentos, vinte espanhóis cretinos, quarenta barbadianos idiotas, trinta chineses imbecis, além de portugueses, italianos e outras nacionalidades exóticas, mais alguns poucos brasileiros, todos estúpidos. (idem, *ibidem*, p. 18)

O discurso narrativo ressalta que, apesar da alienação pelo trabalho, o preconceito racial era patente entre os operários; isso se observa, por exemplo, no agressivo relacionamento entre os alemães e os negros de Barbados, sendo que estes são acusados constantemente de ladrões por aqueles.

Mad Maria foi escrito em 1980. Cumpre apontar que *Maria* era o nome atribuído às locomotivas que andavam pelo país no início do século. O título desse

romance do amazonense Márcio Souza sintetiza a insanidade de um projeto e de sua (in)consequente execução no início do século XX. Trata-se de um famigerado projeto ferroviário que tentava estender a ideia de progresso para uma desconhecida e imprevisível região. O fato é que os homens envolvidos, estrangeiros ou não, subjugados ou opressores, encontram pelo caminho obstáculos humanamente intransponíveis, como dezenove corredeiras, trinta milhas de pântanos e desfiladeiros, um incalculável número de cobras e escorpiões, árvores gigantescas e milhões de mosquitos transmissores de malária, sem falarmos na quantidade absurda de mortos nos acidentes de trabalho que são apontados ao longo da narrativa.

O livro de Márcio Souza nos apresenta um horrendo canteiro de obras encravado na floresta; nesse ambiente, milhares de trabalhadores, das mais diversas procedências, precisavam escapar das doenças, das péssimas condições de trabalho e dos desafios apresentados por uma natureza indomável. Atados a esse cenário primitivo, de umidade sufocante, de calor intenso e de uma natureza de pesadelo, Finnegan e Collier – o chefe velho, experiente e calejado – são atraídos para o epicentro de um de uma engrenagem social turbulenta, capaz de fazê-los abdicar de seu senso humanitário para depois esmagá-los também.

Márcio Souza narra fatos de um momento histórico do país, alternando a saga de personagens fictícios com a trama criada por homens reais, como o mega-empresário norte-americano Percival Farquhar, proprietário da Madeira-Mamoré *Railway Company* e de diversas concessões públicas no Brasil, entre portos, ferrovias e companhias elétricas. Além de Farquhar, a trama envolve altas esferas do poder público, incluindo o então ministro de Viação e Obras, e futuro governador da Bahia, J. J. Seabra, com quem o empresário norte-americano *compartilha* uma amante. Esse, aliás, é um estereótipo usado por Souza para caracterizar no romance as altas esferas do poder: nem mesmo o célebre jurista Ruy Barbosa, já septuagenário e em decadência política após perder a disputa da presidência para o Marechal Hermes da Fonseca, escapa de ter a sua amante.

Trata-se de uma narrativa na qual não cabe o romantismo, pois até mesmo Finnegan, um personagem idealista, fraternal e até certo ponto ingênuo, acaba por se transformar num assassino. Em meio aos episódios que vão endurecendo o caráter do jovem Finnegan e que ilustram a violência da construção da ferrovia, estão as mortes por malária de trabalhadores que comercializavam a sua dose

de medicamento preventivo – o quinino – para ganhar um pouco mais do que o salário miserável que recebiam da companhia e está o sequestro do médico por trabalhadores alemães que, após uma tentativa de greve frustrada, resolvem fugir do acampamento e o levam como refém, amarrado dentro de um tonel de gordura carregado por uma mula.

Absurdos desse tipo comumente são muito lucrativos para quem sabe agir no momento certo, como foi o caso do personagem do estadunidense Percival Farquhar, que vê no contrato para a construção da ferrovia uma forma de aumentar os seus negócios e o seu poder no Brasil, sendo que, para isso, ele não mediria esforços e consequências. Esse perfil é compartilhado por Stephan Collier, quem conduz, com postura impiedosa, a construção da ferrovia, liderando um grupo de homens tratados como animais no meio de uma floresta selvagem, ameaçados por toda a sorte de infortúnios, principalmente doenças. Nesse panorama, o contraste surge de personagens como Finnegan, que bate de frente com a autoridade de Collier; e Consuelo, uma bela boliviana, pianista, encontrada na floresta entre a vida e a morte após o naufrágio do barco onde viajava com seu noivo. Ela será levada ao acampamento; alojar-se-á na enfermaria e manterá uma relação ambígua com o índio de mãos amputadas e com o jovem doutor Finnegan.

Na narrativa banaliza-se a violência quando, por exemplo, um negro de Barbados tenta assassinar um alemão que o acusara de furto ou um índio tem suas mãos amputadas após ser descoberto como o verdadeiro responsável pelo desaparecimento de objetos pessoais de insignificante valor no acampamento. A miséria em que vivem os estrangeiros recrutados para a construção da Madeira-Mamoré – baixo salário e péssimas condições de trabalho e de acomodação – leva-os a se enfrentarem por causa de uma simples camisa ou a se arriscarem a contrair malária abrindo mão do quinino em troca de algum dinheiro extra.

Embora hiperbólico, *Mad Maria* é já o romance canonizado que resgata o trágico episódio de nossa história no qual, às custas de milhares de mortes, se tentou levar à selva a modernidade dos trilhos. Com *Mad Maria*, Márcio Souza criou um romance ácido, sarcástico às vezes. Ao recriar literariamente os episódios mais macabros e quase inacreditáveis dos registros históricos dos cinco anos da construção da Madeira-Mamoré, o autor convida o leitor a se emaranhar na Amazônia e a confrontar o inferno do progresso ferroviário.